



ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO BULLYING NAS ESCOLAS

Renata Silva Rezende ¹
Elton Castro Rodrigues dos Santos ²

RESUMO

As estratégias de ações nas instituições educacionais a fim de conter o bullying dentro da escola está cada vez mais sendo discutido. O bullying afeta 100% das escolas, e apesar de aprovado a Lei do Bullying – Lei 13.185/2015 a realidade mostra poucas ações sendo realizadas. O bullying está fundamentado nos estudos de Dan Olweus, Cleo Fante. Este estudo traz como o bullying acontece no ambiente escolar, as características de cada ator e formas da gestão escolar lidar com o enfrentamento a esse fenômeno comum no ambiente escolar. Não há uma definição universal para o fenômeno, mas encontrou-se cinco componentes essenciais para sua caracterização: 1) intenção de machucar; 2) intenção de ferir física ou emocional; 3) atos diretos (bater) ou indiretos (espalhar rumores); 4) ações repetidas; e 5) há um desequilíbrio de poder. A pesquisa bibliográfica do tipo exploratória busca investigar as estratégias de ação de prevenção e intervenção, como forma de orientar a comunidade escolar sobre a incidência do fenômeno e a conscientizar a busca estratégias contínuas para o enfrentamento do mesmo. Este artigo é resultado de uma análise com proposta de num futuro próximo servir para pesquisas que mostrem resultados de intervenção aplicados no ambiente escolar com intuito de melhorias das relações interpessoais e do clima escolar e consequentemente minimizar o índice de bullying nas escolas.

Palavras - chave: Bullying, Estratégias de Prevenção e Intervenção, Educação.

INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje uma realidade bastante comum em sala de aula são as brigas e discussões, o conhecido “zoar”, o que deixa toda a escola, em especial os professores numa sensação de impotência. Apesar de o bullying acontecer em diversos ambientes, e ser um problema de saúde pública, é na escola que tem feito diversos estudos, sendo no recreio e dentro da sala de aula os locais que mais se apresenta, mesmo tendo funcionários, ela se apresenta de forma camuflada em diversas situações, o que dificulta intervenções. Até mesmo o riso precisa ser investigado, pois pode estar ligado ao escárnio, uma simples brincadeira pode ser mal interpretada. Estas atitudes agressivas tornam o ambiente escolar difícil de conviver e

¹ Mestrando do Programa Ciências da Educação da Corporación Universitaria de Humanidades e Ciencias Sociales de Chile, rs_rezende1@hotmail.com;

² Doutorado Elton de Castro Rodrigues dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, 2018, elton.castro@unemat.edu.br;



consequentemente traz diversos prejuízos a aprendizagem escolar, além de afetar a saúde física, psíquica de todos os envolvidos (FERNANDES, 2016).

Apesar de muito presente na nossa sociedade, não devemos acostumar. O bullying, sendo uma forma de violência gera exclusão, intimidação, maltrato e exclusão social, que pode acontecer de forma direta/ presencial por meio das agressões físicas, indireta por meio de ameaças, chantagens e por meio das tecnologias de informação e comunicação, como celular e internet – Cyberbullying (SOUZA, 2017).

O fenômeno bullying acontece em 100% das escolas, independente do turno, área de localização, tamanho da escola, das séries, de ser pública ou privada. É perceptível que existe um despreparo por parte dos professores de identificar, diagnosticar e desenvolver estratégias pedagógicas para lidar com as situações de bullying que vivenciam em seus contextos. Os professores são preparados nos cursos de formação acadêmica para o ensino de suas disciplinas, não sendo treinados a lidar com o afeto e muito menos com os conflitos dos alunos. Tem dificuldade de lidar com as emoções de seus alunos e até mesmo com suas próprias emoções, o que nas situações de dentro de sala de aula acabam sendo agressivos e transformam em modelo para alunos que acabam imitando comportamentos violentos. (FANTE, 2005).

O interesse pelo tema surgiu diante de diversas queixas de professores refere a dificuldade em lidar com esse fenômeno tão presente nos dias atuais, que é esse tipo de violência oculta. E que apesar de ser muito presente existe diversas dificuldades em desenvolver projetos de prevenção e intervenção na escola, sendo necessário discutir e esclarecer sobre o tema que envolve toda comunidade escolar devido às consequências que o mesmo traz nos envolvidos. Lidar com os conflitos escolares envolve trabalhar valores, relações familiares o que torna o assunto ainda mais difícil de ser acessado. A realidade mostra que as autoridades buscam soluções paliativas com estratégias de coibir a entrada de drogas nas escolas, detectores de metais, câmeras de vídeos, ao invés de medidas sócio educativas que busquem melhorias nas relações interpessoais.

METODOLOGIA

A metodologia do artigo deverá apresentar os caminhos metodológicos e uso de ferramentas, técnicas de pesquisa e de instrumentos para coleta de dados, informar, quando for pertinente, sobre a aprovação em comissões de ética ou equivalente, e, sobre o direito de uso de imagens. O presente estudo caracteriza-se com uma revisão bibliográfica do tipo



exploratória sobre o tema bullying. A coleta de dados foi realizada mediante busca eletrônica, na base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (Catálogo de Teses e Dissertações), sobre a temática em questão, referente ao período de 2014 a 2018, na área da educação. Foi utilizado o termo bullying para localização de teses e dissertações, que constaram no total de 644 teses e dissertações e para refinar foi delimitado o ano e a área da educação, resultando em 21 trabalhos. Sendo o material encontrado lido seus resumos e definidos acerca dos objetivos do trabalho. Para melhor embasar o estudo foram utilizados literatura aos quais serviram de base para a elaboração do artigo.

Com base nesta informação foi feita uma busca dos principais trabalhos elaborados no período de 2014 a 2018 identificando seus autores, estado e universidades onde foram elaborados. E obteve-se os seguintes dados:

Ano	Quantidade Tese ou Dissertações	Autores	IES
2014	0	–	–
2015	4	Érica Jaqueline Pizapio Teixeira Marlene Gonçalves de Oliveira Paula Pereira Alves Cilene Pascotto Garroti	Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT Universidade Metodista de São Paulo - UMESP
2016	5	Grazielli Fernandes Loriane Trombini Frick Márcia Cristina Rodrigues da Silva Coffani Maria Carolina Ribeiro Vanessa Hanayo Sakotani	Centro Universitário La Salle (Unilasalle) Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” – UNESP Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
2017	6	Fernanda Ribeiro de Souza Gabriele Albuquerque Silva João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri Karen de Azevedo Coutinho Mariana Guimarães Wrege Renan Santiago de Sousa	Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” – UNESP Universidade Passo Fundo – IFRS Universidade Estadual de Maringá – UEM Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
2018	6	Adriano Moro Fabricia da Silva Machado Jordana Wruck Timm Lucas da Silva Martinez Marcos Antônio dos Santos Mirtes Aparecida Almeida de Sousa	Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP Universidade Federal do Piauí - UFPI Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS Universidade Federal de Santa Maria – UFSM Universidade Estadual de Maringá – UEM Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Quadro 01: Tese ou Dissertações

Fonte: CAPES, adaptado pelos autores (2020).

REFERENCIAL TEÓRICO



Os primeiros estudos sobre bullying iniciou-se com Dan Olweus, que desenvolveu um programa de intervenção ativo que envolvia, pais, professores. A palavra Bullying até meados de 2015 era pouco conhecida e no Brasil por não ter uma palavra que abrangesse seu total significado foi adotada com sua origem inglesa, onde *bully* caracteriza “tirano ou valentão”. Bullying tem como definição um conjunto de comportamentos intencionais, exercidos de forma individual ou coletiva, manifestos repetidamente, com frequência e com objetivos danosos previamente definidos, ou seja uma atuação agressiva, repetitiva e sem motivação explícita, mas com uma relação desigual de poder tanto física como psicológica, causando danos morais e/ou físicos (COSTANTINI, 2004; FANTE, 2005; OLWEUS, 1993).

São ações escondidas aos olhos dos superiores, mas não dos pares envolvidos; Há um alvo frágil, que se vê como alguém de menor valor, e há um público que assiste às agressões. Sendo assim, discussões ou brigas pontuais não pode ser considerado bullying. Para a caracterização de bullying é necessário que a agressão ocorra entre pares, numa condição de desequilíbrio de poder (entre colegas de classe), e assim conflitos entre professor e aluno ou aluno e gestor não é considerado. As causas do bullying são multifatoriais, que vai desde fatores culturais até os fatores familiares que incidem sobre as práticas escolares.

James (2010) descreve cinco componentes essenciais no fenômeno:

1. a **intenção de machucar**;
2. o bullying tem um **resultado nocivo**, no qual uma ou mais pessoas são fisicamente ou emocionalmente feridas;
3. envolve **atos diretos**, como bater, **ou indiretos**, como espalhar rumores;
4. as agressões são **repetidas** e
5. há um **desequilíbrio de poder**.

As primeiras pesquisas começaram na década de 1979 na Suécia e Dinamarca. E no Brasil diante de diversos casos de violência escolar foi aprovado a Lei do Bullying – Lei 13.185/2015. O também projeto de Lei da Câmara (PLC) 7/2014, que deu origem à Lei nº 13.277/2016, instituiu o dia 07 de abril como o dia Nacional de Combate ao Bullying e à violência na escola, tendo vigor a partir de 2017. A escolha desta data foi em decorrência da tragédia de 7 de abril de 2011, quando 12 crianças foram brutalmente assassinadas a tiros na Escola Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro, conhecido como massacre de Realengo. Este evento caracterizou situação de bullying, já que o atirador dentro das teorias foi compreendido como vítima-agressora. O mesmo sofria perseguições sistemáticas neste colégio, de vítima passou a ser agressor (SANTOS, 2018).



Associa-se as atitudes agressivas à ausência de valores morais e reitera que os sujeitos que apresentam comportamentos individualistas demonstram maiores possibilidades de cometerem *bullying*. Desta forma, as influências familiares, de colegas, da escola e da comunidade, as relações de desigualdade e de poder, a relação negativa com os pais e o clima emocional frio em casa parecem considerados naturais e apartados das contradições sociais que os produziram (SOUZA, 2017).

São consideradas violentas situações de interações, quando: “um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja sua integridade física, seja sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais” (MICHAUD, 1989, p. 10-11).

Considera que o ser humano é pacífico por natureza, porém, a incapacidade de resolução de conflitos por alguns indivíduos permite que a violência aconteça, integre-se à cultura e procure meios de se justificar, além de identificar as situações que auxiliam na prevalência da violência como baixa autoestima, ausência de diálogo com familiares, tipo de personalidade, violência no núcleo familiar, relações professor- aluno prejudicada, exposição a violência na comunidade (FANTE, 2005).

Existem três tipos de *bullying*: 1) O físico ou direto que envolve o bater, pontapear, empurrar, ameaçar, e que incentiva as pessoas ao uso armas. 2) É o psicológico que se refere a chamar as pessoas por apelidos, sarcasmo, insultos, caretas e ameaças a outrem. 3) É o menos visível e envolve a exclusão ou rejeição de alguém a um determinado grupo (SANTOS, 2018). O que diferencia o *bullying* de outros tipos de violência são as ações repetitivas contra um mesmo indivíduo. Nesta ação tem como protagonistas: agressor, vítima e espectador.

A vítima:

O que leva o alvo a ser vitimizado está relacionado principalmente a imagem que ele tem de si mesmo e a forma como se vê diante de seus pares. Ele parece concordar, mesmo inconscientemente, sentindo-se inferior e sem forças de reagir. Apresenta pouca habilidade social. A escola necessita criar momentos em que os alunos falem de seus sentimentos, conheçam suas potencialidades e virtudes, encare suas dificuldades para crescer, tornando-se sujeito de seu próprio desenvolvimento. E assim, pensem, antecipem as consequências de seus atos e promova uma relação de confiança entre todos, criando uma personalidade ética. A vítima pode ainda ser de três tipos: típica, provocadora e agressora. A vítima típica é o indivíduo fragilizado fisicamente em relação ao agressor, considerado o “bode expiatório”, pouco



sociável e submisso. Em geral são vítima de preconceitos, pessoas ansiosas, inseguras e sensíveis; A vítima agressora atua como reprodutora de maus tratos (circulo vicioso) e a vítima provocadora provoca e atrai reações agressivas contra as quais não consegue lidar com eficiência, possui um gênio ruim e que sempre causa tensões nos ambientes. E alguns estudos indicam que o mesmo adolescente podem experimentar todas essas condições, sendo que em alguns momentos assume o papel de vítima e em outros de agressor. (SOUZA, 2017)

O agressor:

É aquele que vitimiza os mais fracos. Tem a característica da intencionalidade, pois sabe ferir aqueles que escolhe como alvo e sente prazer com isso. São motivados pela busca de poder, visibilidade ou status no grupo. Frequentemente é membro de família desestruturada, em que há pouco ou nenhum envolvimento emocional. Que quer reproduzir os maus tratos sofridos tanto em casa quanto na escola Tem como característica: falta de empatia, insensibilidade, são mais agressivos do que outras crianças e jovens, alguns tem pouca habilidade social o que dificulta manter relacionamentos positivos, outros possuem competência social avançada o que facilita manipular os demais. Muitos escolares acabam se tornando agressores por pressão ou como forma de defesa, por medo de se tornarem vítima, de ser banido do grupo ou para garantir a popularidade (efeito baddy boy), de se fazer notado.

O espectador:

É o que presencia, porém não o sofre nem o pratica. São alunos que convivem com o problema, mas adotam a lei do silêncio por temer se transformar em um alvo. De acordo com Wrege (1981), muitos educadores não percebem o bullying já que os alvos muitas vezes não reagem ou não falam sobre os atos violentos que sofrem, dificultando a criação de ações/ programas e estratégias de prevenção anti-bullying dentro das escolas. As pesquisas evidenciam que o fenômeno bullying é pouco percebido pelos docentes.

A “atmosfera escolar” é construída ao longo do tempo, e para que as relações vividas nas instituições sejam de respeito é fundamental as práticas de valores morais como a justiça e o respeito, para o desenvolvimento de um ambiente cooperativo. Para isso a criação de regras deve acontecer de forma democrática, onde aja participação dos alunos e não somente imposição das autoridades, já que muitas vezes a indisciplina acontece diante de regras rígidas impostas por aqueles que detêm o poder (WREGE, 1981).

Para a identificação do aluno como vítima o professor pode notar algumas mudanças de comportamento: baixo rendimento escolar, isolamento na hora do recreio, mostra-se inseguro e ansioso em atividades dentro de sala de aula, é o ultimo a ser escolhido nas atividades de



jogos, apresenta-se sempre com aspecto de tristeza, aflição, deprimido, apresenta desleixo nas atividades escolares, apresenta frequentemente com cortes, feridas ou roupa rasgada, falta as aulas e perda de seus pertences. Já para a identificação do agressor nota-se os comportamentos de brincadeiras, gozações, risos hostis, ridicularizando os colegas, cria apelidos, faz ameaças, dá ordens, socos, puxa cabelos, pega lanches, materiais escolares e dinheiro (FANTE, 2005).

Várias pesquisas indicam que a proporção de alunos do sexo masculino envolvidos com o bullying é maior que do sexo feminino. Os meninos apresentam maior frequência de bullying direto e as meninas indireto. As consequências desse fenômeno acomete a todos, mas principalmente as vítimas, trazendo prejuízos a médio e longo prazo, para além do período escolar, como por exemplo, dificuldades nas relações de trabalho, na constituição de relacionamentos futuros, de constituir sua própria família, na sua saúde física e mental. Traz prejuízos que afeta sua autoestima, agressividade, stress, impulsividade, hiperatividade, sentimentos negativos, pensamentos de vingança, abuso de substâncias químicas, transtornos mentais e psicopatologias graves com sintomas ansiedade, transtornos alimentares, Transtorno Boderline, depressão e em casos extremos pode levar dependendo da intensidade ao suicídio. (FANTE, 2005).

Existem diversos instrumentos para levantamento diagnóstico e investiga situações de vitimização e agressão. O mais adotada é o de Olweus, usado nas pesquisas de Abrapia (2000), que consiste em questões de múltipla escolha, no qual se pode verificar a frequência, tipos de agressão, locais de maior risco, características dos agressores e percepções individuais quanto ao número de agressores.

A resolução de conflitos na escola gera tanto para professores e gestores dificuldade na criação de estratégias de prevenção e intervenção deste fenômeno. Necessita da criação de projetos antibullying já que é um fenômeno que afeta a todos. A prevenção e seu combate devem ser inseridos no currículo dos professores e frequentemente nas reuniões de trabalho docente e na administração educativa, preocupando tanto com as ações dentro da escola, como também ações que proteja o entorno escolar. Dentre as ações sugere a elaboração de regras e treinamentos com os funcionários e professores para melhor monitoramento dos alunos, aulas que ajudam os próprios alunos a reconhecer o bullying, desenvolver empatia dos alunos para com os que sofrem bullying, construir habilidades de amizade para aumentar as conexões sociais, melhorar a assertividade e as habilidades de comunicação para ajudar os alunos a deter e reportar o bullying, capacitar os alvos com o intuito de deixa-los menos vulneráveis. Faz-se necessário medidas preventivas e curativas que atue de forma continua, não somente nos



momentos de crise, e assim é preciso investir na formação moral dos alunos e na construção da autonomia (WREGE, 1981).

Vários países da Europa e América do Norte vêm desenvolvendo programas de intervenção antibullying visando conscientizar toda comunidade escolar sobre o fenômeno, buscando identificar vítimas e encaminhá-las para acompanhamento clínico e encorajando-as a denunciar os agressores. No Brasil não se faz diferente. As estratégias preventivas para reduzir o bullying, de acordo com Wrege (1981), podem ser:

- proativas: para minimizar a possibilidade de ocorrência dos mesmos com ações amplas: elaborar políticas sobre o bullying, trabalho com o currículo na sala de aula e supervisão dos locais onde há maior ocorrência.
- atitude tanto proativas quanto reativas: ajuda dos pares com a escolha e treinamento de alguns alunos para ajudar , inserindo atividades estruturadas e jogos, cuidando dos alunos que estão tristes ou sozinhos nos intervalos, os mais velhos aconselhando os alvos de bullying.
- reativas: ações de como lidar com as situações de bullying (sanções e punições diversas, reuniões de pais, práticas restaurativas como o objetivo de reparar o erro, conversas, investigação de causas da agressão e busca de solução para os casos ocorridos nas reuniões).

Dan Olwues em 1993 criou um programa de prevenção de bullying em escolas norueguesas com estratégias de informação e orientação. Esse projeto não partiu apenas em identificar alvos, culpabilizar os agressores, distribuir cartilhas sobre bullying, mas um projeto esclarecido e orientado que trouxe reflexões a toda comunidade escolar a fim de compreender o fenômeno, abrindo espaço para o diálogo e inibindo essas práticas no âmbito escolar e fora dele. A criação de espaços de grupos de apoio para as vítimas falarem de seus sentimentos e emoções com intervenções na busca de enfrentamento do problema, as rodas de conversa com educadores, a formação de professores e funcionários, a orientação aos pais quanto a ajudar a identificação de situações diante da mudança de comportamento dos filhos são condutas eficazes para serem discutidas e efetivadas no âmbito escolar.

Avilés (2013) classifica as intervenções em três níveis:

- Intervenção de Nível primário (Preventivo),
- Intervenção de Nível secundário (evitação do risco) e
- Intervenção de Nível terciário (eliminação da conduta problemática).

No quadro abaixo é indicado algumas estratégias de prevenção e métodos que integra cada nível de intervenção, que pode ser utilizado pela comunidade educativa.



INTERVENÇÕES	METODOLOGIAS
<p>Assembleias ou reunião periódica do grupo. Destinatário: Alunos Caráter da intervenção: Preventivo Níveis de aplicação: Primário e Secundário</p>	<p>Essa metodologia ajuda o educador a se aproximar do que os alunos pensam e desejam, e supõe um modelo participativo democrático de gestão. Abre-se espaço para a corresponsabilidade. Os alunos tem participação ativa no processo, e nesse momento, podem-se fixar as normas por parte do grupo, a qualidade das relações interpessoais e/ou tratar qualquer problema que possa surgir na sala de aula ou na escola. A assembleia passa a ser uma ferramenta habitual de comunicação e assunção de responsabilidades na convivência do grupo. Para tanto, é preciso um bom manejo na geração das ideias, capacidade para observação, iniciativa no desenvolvimento de estratégias e soluções, e para a comunicação, ou seja, um pouco de técnica para que ela possa ser conduzida satisfatoriamente.</p>
<p>Convocar periodicamente reuniões entre professores e as famílias para falar de bullying. Destinatário: Professores e famílias Caráter de intervenção: Preventivo Níveis de aplicação: primário e Secundário</p>	<p>Os envolvidos constroem compromissos de atuação mais coletivos e efetivos na luta contra o bullying. É fundamental a conscientização dos pais e mães e o trabalho conjunto com os professores para mostrar essa imagem de tolerância zero frente ao bullying. Também será necessário, unificar esforços na intervenção com os alunos. Chegar a um acordo sobre os critérios de atuação perante o acoso, analisar e avaliar diferentes situações de intimidação, entrar em acordo sobre o que é e o que não é o bullying, desenvolver um trabalho coordenado para o tratamento dos agressores/as na remissão dos seus comportamentos e dos espectadores no que tem a ver com o seu desenvolvimento moral e seu posicionamento contra o maltrato.</p>
<p>Atuação supervisionada por parte dos adultos</p>	<p>São sistemas que fomentam a amizade ou acompanhamento, a ajuda entre os colegas, a mediação entre iguais, os sistemas de conselho entre pares ou a solidariedade com os outros. São sistemas de apoio entre iguais. Trata-se de uma metodologia que exige a supervisão dos adultos responsáveis pelos alunos na escola e um sistema de formação e treinamento adequado e mantido. Coloca-se algumas sessões nas quais os alunos expõem suas dificuldades, incidências, etc.. Nessas sessões os adultos dão instruções, respondem dúvidas ou questões colocadas pelos alunos e orientam os possíveis desvios ou erros que possam estar produzindo.</p>
<p>Ajudantes de recreio Destinatários: Alunos Caráter da intervenção: Preventivo, Evitação do risco e Erradicação do bullying Níveis de aplicação: Primário e secundário.</p>	<p>Acompanham os adultos que supervisionam os recreios e em algumas áreas agem com funções de mediadores entre os alunos.</p>
<p>Equipes de ajuda ou alunos ajudantes Destinatários: Alunos (vítimas e espectadores) Caráter da intervenção: Preventivo, Evitação do risco e Erradicação do bullying Níveis de aplicação: Primário e secundário.</p>	<p>Os alunos são escolhidos pelos colegas para prestar ajuda a outros, a quem está triste, tem problemas, mexem com ele/ela, está sozinho, etc. Funcionam como recursos de apoio que se designam ao início dos cursos no seio do grupo e que têm que reunir alguns requisitos que respondam as funções que devem cumprir. Essas "Equipes de ajuda" é uma estratégia que ajuda a crescer tanto aquele que recebe o apoio como aquele que o presta. Os alunos que participam das equipes de ajuda atuam como protagonistas ao ajudar os próprios iguais e como destinatários dessa ajuda os alunos que podem se encontrar em risco de maltrato.</p>



<p>Círculo de amigos Destinatários: Vítimas provocativas e sujeitos com problemas emocionais Caráter da intervenção: Evitação do risco e Erradicação do bullying Níveis de aplicação: Primário e secundário.</p>	<p>Trata-se de uma estratégia que promove o compromisso de um grupo de alunos que funcionará como círculo de amigos para outro que apresenta dificuldades e necessidades emocionais e comportamentais com a finalidade de integrá-lo mais ao grupo.</p>
<p>Treinamento no controle da Ira Destinatários: Agressores Caráter da intervenção: Evitação do risco e Erradicação do bullying Níveis de aplicação: Primário e secundário.</p>	<p>Esse modelo de intervenção inclui o reconhecimento por parte do agressor/ a da própria emoção da ira, técnicas de relaxamento, repetição e uso de “palavras tranquilas” em lugar de paradas iradas, uso do humor, análise e mudança em pequenas coisas que produzem mal-humor e enfado, trabalho cognitivo sobre os momentos anteriores ao episódio da ira, aceitação e controle da angústia como algo manejável e suportável, etc.</p>
<p>Destinatários: Agressores Caráter da intervenção: Evitação do risco e Erradicação do bullying Níveis de aplicação: Primário e secundário.</p>	<p>Costuma-se realizar com os alunos agressores de seus colegas. Usam-se contratos reeducativos nos casos em que conseguimos um compromisso das partes envolvidas (alunos agressores, espectadores, vítimas provocativas, famílias e docentes) numa série de pontos que interessa mudar o comportamento do aluno (a). Esses acordos reeducativos não evitam sanções disciplinares no caso delas fazerem-se necessárias, mas constituem uma via de saída e mudança para os alunos entenderem seu comportamento.</p>

Quadro 01: Intervenções e Metodologias para enfrentamento do bullying

Fonte: AVILÉS (2013)

Vale salientar que os conflitos são naturais em qualquer relação e serve de desenvolvimento das relações, como uma oportunidade de trabalhar os valores e regras. Não cabe ao processo a resolução do conflito, mas a discussão de modos como os problemas podem ser enfrentados. As experiências vividas a partir das interações estabelecidas são necessárias para a construção de seus próprios valores morais. Os docentes precisam identificar os conflitos e refletir sobre as sanções praticadas pelos mesmos e na busca de novas formas de lidar com o fenômeno (RIBEIRO, 2016).

Outro programa de prevenção desenvolvido a partir de diversas pesquisas de Fante (2005) é o programa Educar para a Paz, que constitui em conscientizar, identificar, diagnosticar os responsáveis pelo desenvolvimento educacional estratégias de prevenção e intervenção contra o bullying através das seguintes etapas:

- Etapa A – Conhecimento da realidade escolar

Primeiro passo: conscientização e compromisso:

- Reflexão sobre as formas de violência, escolha da comissão do programa, escolha do coordenador e do tutor de forma que envolva toda a comunidade escolar.

A escola precisa educar a emoção dos alunos, estimular a pensar antes de reagir, lidar com medos, angústias. Toda a escola precisa se envolver, se responsabilizar a fim de controlar o fenômeno.



O tutor tem como responsabilidade identificar os alunos envolvidos em conflitos e buscar informações sobre os fatos

Segundo passo: investigação da realidade escolar

- Investigar, observar o recreio e a sala de aula, anotar situações, aplicação de instrumentos, divulgação dos indicadores, jornada sobre violência e apresentação do diagnóstico escolar por em média duas semanas, logo incluiu os questionários sobre bullying para concretizar os dados observados

- Etapa B – Modificação da realidade escolar

Primeiro passo: adoção de ações de prevenção e intervenção

- Alunos solidários que ira supervisionar nos ambientes, serviço de denuncia, encontro semanais de avaliação, redação “Minha vida escolar” e “Minha vida familiar”, entrevista com vítimas e agressores, estatuto contra o bullying, desenvolvimento de estratégias, projetos solidários, reuniões semanais, encontro de pais e tutores, orientação sobre convivência familiar, grupo de pais solidários,

Segundo passo: novo diagnóstico da realidade escolar

- Investigação da nova realidade escolar, apresentação do diagnóstico a comunidade escolar, revisão e manutenção do programa.

Cabe salientar que esses programas de intervenção são exemplos de ações realizadas em todo mundo, mas que cada escola de acordo com sua realidade, a partir de um levantamento diagnóstico contextualizado realizado de forma democrática e participativa e orientada através do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) possa criar suas próprias ações. Assim, toda a escola se envolve na construção de relações humanas saudáveis. Não que os conflitos deixaram de existir no contexto escolar, mas que tenha ações de promoção no intuito de orientar as ações de enfrentamento dessas situações no âmbito escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do exposta acima podemos identificar formas de enfrentamento tendo alguns resultados apresentados diante da experiencia de cada local. E tendo consciencia da necessidade



de medidas urgentes diante de um fenômeno comum em todas as escolas, ainda é perceptível a falta de programas dentro das políticas públicas que trabalhe desde a investigação escolar, as ações realizadas e a manutenção na escola ao longo de todo o período escolar, trazendo benefícios aos alunos, pais e professores. A necessidade de implementar programas que trabalhe não somente o currículo escolar, mas questões morais, valores e culturais da escola e sua comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno bullying mesmo sendo crescente necessita ser incentivado através de políticas públicas com projetos contínuos de forma a melhorar a convivência no meio escolar, tendo os professores formações voltadas a valores. Não são ações pontuais, mas necessita de recursos e formação de professores, organização da escola, além de um projeto de convivência respeitosa entre os membros da escola. Os projetos demandam tempo para serem planejados dentro da realidade de cada escola. Apesar de existir a lei que exige a escola de combater o bullying, no dia a dia a pouco espaço para ações.

Faz-se necessário estudos mais aprofundados nesta temática, além de programas de intervenção contínuo de acordo com a realidade de cada escola. A construção de valores morais no intuito de resgatar a cidadania, o respeito e a dignidade humana. O bullying é um problema moral, que necessita agir na personalidade ética de cada membro escolar. Esses projetos antibullying necessita incorporar medidas preventivas e curativas, atuando antes, durante e após os episódios. O plano de convivência com um ambiente mais cooperativo e menos autoritário a fim de um propiciar melhorias no clima escolar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu forças a cada dia para vencer as dificuldades da minha caminhada.

Aos meus pais, Nairon e Sueli, pelo incentivo e apoio a minha formação. Ao meu esposo, Edésio Júnior, meu parceiro, pelo apoio e cuidado, aos meus filhos, Ana Cecília e Davi, que me inspiram cada dia lutar e crescer e aos meus irmãos.

Ao meu orientar, Dr. Elton Castro, pelos valiosos ensinamentos e apoio a concretização desse estudo.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISSIONAL DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E À ADOLESCÊNCIA (ABRAPIA). Programa de redução do comportamento agressivo entre adolescentes, 2000.

AVILÉS, José Maria Martinez. **Bullying: Guia para educadores**. Campinas: Mercado das Letras, 2013.

COSTANTINI, Alessandro. **Bullying, como combatê-lo**: prevenir e enfrentar a violência entre jovens. Trad. Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, São Paulo: Verus, 2005.

FERNANDES, Grazielli. **Violência doméstica e bullying [manuscrito]**: a percepção da rede de relações sob ótica da bioecologia do desenvolvimento humano. Canoas, 2016.

JAMES, Alana. [Briefing de Pesquisa: Bullying Escolar](#). *NSPCC Inform*, 2010.

MICHAUD, Yves. *A violência*. Tradução L. Garcia. São Paulo: Editora Ática, 1989.

OLWEUS, Dan. *Bullying at school: What we know and what we can do*. London, Lackwell, 1993.

RIBEIRO, Maria Carolina. **O desenvolvimento cognitivo dos autores de bullying**: implicações para aprendizagem escolar. Campinas, 2016.

SANTOS, Marcos Antonio. **A invisibilidade dos hemofílicos nas escolas e na sociedade**: o papel da educação social. Maringá, 2018.

SOUZA, Fernanda Ribeiro. **Representações sociais sobre cyberbullying**: a realidade de uma escola de ensino médio. Presidente Prudente, 2017.

WREGGE, Mariana Guimarães. **Um olhar sobre o clima escolar e a intimidação**: contribuições da Psicologia Moral. Campinas, 2017.